

PSICANÁLISE FREUDIANA E HISTÓRIA: POSSIBILIDADES E LIMITES DA CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA DOS SENTIMENTOS

Amanda Maíra Steinbach, Mestranda em História Social – Universidade Federal de Uberlândia,
E-mail: amanda.steimbach@yahoo.com.br.

RESUMO

O trabalho que segue propõe fazer uma análise das possibilidades e os limites do uso da psicanálise, como proposta por Freud, na escrita de uma história dos sentimentos, através da caracterização de obras de historiadores que defendem ou criticam o uso dessa teoria nos estudos de história.

Palavras-Chave: História-Psicanálise-Freud-Sentimentos

ABSTRACT

The following text proposes to analyze the possibilities and limits of the use of psychoanalysis, as proposed by Freud, in writing a history of feelings, through the characterization of works of historians who defend or criticize the use of this theory in studies of history.

Keywords: History- Psychoanalysis – Freud –Feelings

INTRODUÇÃO

Em capítulo intitulado “*Maneiras de Sentir e Pensar*” do livro “*A Sociedade Feudal*”¹, Bloch descreve o meio físico típico da Europa medieval caracterizado por uma natureza menos ordenada e suave do que aquela presente na Europa de seu tempo. No medievo, nos diz ele, a paisagem rural apresentava muito menos marcas da atividade humana. Era inóspita, impondo ao homem a convivência periódica com animais selvagens. As noites mal iluminadas tornavam-se escuras e, nas salas dos castelos, o frio era mais intenso. A

¹ Para mais informações sobre o cenário descrito por Bloch, cf.: BLOCH, 1982, pg. 90.

vida social possuía, assim, um tom de primitivismo que, ao lado da fome, das doenças e da violência, lhe dava um sabor de precariedade perpétua. Diante desse cenário catastrófico, segundo suas palavras, Bloch se pergunta: como pensar que tal cenário não teria contribuído para a rudeza do homem medieval, marcada pela instabilidade de seus sentimentos?¹

Não importam aqui as conclusões de Bloch. Se o homem medieval era rústico ou se seus sentimentos apresentavam natureza instável não é o elemento que se quer destacar. O que importa no âmbito deste trabalho são as preocupações desse autor em escrever uma história na qual se tem espaço para a análise dos sentimentos em suas conexões com o mundo material inserido em uma historicidade específica. Aqui Bloch não negligencia os sentimentos, ao contrário, eleva-os à condição de aspecto importante da dimensão humana que define seu fazer histórico, talvez já fazendo soar nesse trabalho sua posição, claramente explicitada no seu célebre livro *Apologia da História, ou, o ofício do historiador*, de que a história é a ciência que estuda os homens no tempo e, “que tudo o que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 2001, p. 79). Assim sendo, os sentimentos não poderiam estar de fora de sua análise historiográfica.

Mas como proceder tal investigação? Com quais instrumentos teórico-metodológicos pode-se aproximar de tema tão delicado e de difícil apreensão em suas conexões com o mundo material? Com quais fontes e como manuseá-las? Nesse contexto, Lucien Febvre, tomado pelas mesmas inquietações, também indaga sobre a possibilidade de reconstrução da afetividade vivida por homens em tempos passados. “Sensibilidade e a história: tema novo. Não conheço livro que apareça tratado”, ele afirma, para depois concluir “Eis pois... um belo tema” (FEBVRE, 1989, p.217).

O texto de Febvre em questão encontra-se na obra *Combates pela História*. Nele o autor chama a atenção de seu leitor para o fato de alguns historiadores estarem perdendo a curiosidade pela pesquisa. Mas, para ele, há um manancial de história a ser contada, aquela que une história e sensibilidade, auxiliada pela psicologia. É um convite para que os historiadores, com o auxílio da psicologia, tentem por meio da linguagem, da iconografia e da literatura, se aventurar na escritura de uma história da alegria, do amor,

¹ Ibidem. pg. 90.

do medo, do ódio, enfim, dos sentimentos que fazem parte, ainda que de forma diferenciada, dos homens em todos os tempos. “Mergulhem nas trevas da psicologia”, conclama Febvre os historiadores, aludindo às possibilidades de tal empreendimento para o fazer historiográfico. A provocação ecoou pelos campos da história e não foram poucos os historiadores que se aventuraram por diferentes caminhos, tentando entender como a mente humana decodifica e convive com o mundo material em cada época.

A Psicanálise Freudiana

Em texto em que procura ressaltar a importância de Freud para o mundo contemporâneo, Jung, discorrendo sobre a importância intelectual de seu mestre, afirma que a história das grandes inteligências do final do século XIX e início do XX não poderá mais prescindir do nome de Freud. Segundo ele, o pensamento de Freud havia atingido quase todas as camadas da vida intelectual contemporânea, tocando em tudo onde a alma humana teria primazia. Em primeiro lugar cita o campo de psicopatologia, depois, sequencialmente, aponta a psicologia, a filosofia, a estética, a etnologia e, por fim, a psicologia da religião. Tal capacidade de influência e de alargamento de horizontes estaria relacionada, segundo Jung, ao fato de que tudo que é descoberto sobre a essência da alma atrai para seu território, de forma infalível, o conjunto das ciências do espírito¹. É preciso concordar com ele, fazendo, porém, um adendo à sua lista de ciências que, de uma forma ou de outra, recebe os influxos da Psicanálise, com adição da História.

O instrumental teórico proporcionado pela psicanálise freudiana provoca discussões acaloradas nos meios acadêmicos no sentido de se avaliar a pertinência de seus postulados para o fazer historiográfico, em que os lados em questão procuram traçar linhas de aproximação ou distanciamento na relação entre psicanálise freudiana e história. Um dos principais pontos discutidos nesse debate encontra-se na questão da historicidade das idéias de Freud e na pertinência da sua utilização para o estudo de contextos históricos e culturais distintos daqueles vividos por Freud. A teoria freudiana pode ser empregada para a compreensão de sociedades localizadas em espaços e

¹ Cf.: JUNG, 1991.

tempos distintos ou apenas pode dar conta dos sentimentos do homem vienense do final do século XIX e início do XX? Quais são as possibilidades de uma história dos sentimentos feita à luz da teoria freudiana? Quais os limites da referida teoria? Com quais documentos trabalhar? Como utilizar uma teoria de natureza individual numa ciência cujo sentido busca sempre o coletivo?

Na tentativa de encontrar resposta para essas e outras questões, historiadores das mais diversas áreas e períodos têm examinado seus objetos, submetendo-os ao pensamento de Freud. Entre eles destaca-se Peter Gay, historiador norte americano. Estudioso da psicanálise freudiana, são dele obras como "*A Experiência Burguesa: de Vitória até Freud*", "*Freud uma vida para o nosso tempo*" (obra biográfica de Freud) e "*Freud para historiadores*". Nessas obras, ou utiliza-se a teoria psicanalítica como ferramenta de interpretação do passado, ou analisa-se vida e obra de Freud, ou ainda, no caso de "*Freud para historiadores*"¹, defende-se, de forma eloquente, o emprego da psicanálise pela história. Neste trabalho, começa-se por trilhar os caminhos percorridos pelo autor na última obra referida.

No texto citado, Peter Gay analisa trabalhos de historiadores que negam ou defendem o uso da psicanálise pela história, recomenda e tenta justificar teoricamente a aplicação da psicanálise numa história psicanalítica das idéias como contraparte ou complemento de uma história social das idéias. Tarefa difícil, uma vez que tanto Freud, em sua época, quanto sua teoria, nos dias atuais, levantam muitos debates e resistências quanto à pertinência e aplicabilidade da psicanálise nos indivíduos vivos ou, ainda mais difícil, naqueles que habitaram épocas passadas e cujos vestígios chegam de forma sempre indireta para o historiador. Ao descrever a sua trajetória acadêmica e a sistematização do seu conhecimento sobre psicanálise, elenca, já de início, as possibilidades de pesquisa abertas pelo conhecimento e domínio da teoria freudiana. Nessa descrição chama a atenção para as novas maneiras, que a psicanálise possibilitou, de leitura de antigos objetos da história como diários, cartas, pinturas e novelas e como novos objetos (sonhos, relatórios médicos e as fantasias inconscientes) emergem diante desse referencial².

¹ GAY, P. *Freud para Historiadores*. Trad. Osmyr Faria Gabbi Júnior. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

² Cf.: GAY, 1989, p. 16.

O autor desenvolve seu trabalho como resposta às críticas feitas por historiadores ao uso da psicanálise nos trabalhos historiográficos. Peter Gay resume essas críticas em seis perguntas, que devem ser respondidas uma a uma na tentativa de diminuir a resistência dos historiadores ao uso da referida teoria. Os questionamentos são os seguintes: Por que usar a psicanálise (tão profusa no mundo atual que boa parte dos textos inspirados por ela tornaram-se lugar comum) nos estudos históricos se, até hoje, os historiadores exerceram sua função sem o seu auxílio? Aceitando-se que a psicanálise seja uma ferramenta útil, por que Freud e não outro teórico do campo da psicanálise? Uma vez convencidos da utilidade de Freud, como ter certeza de que sua teoria extrapola a sociedade na qual foi criada, a Viena do final do século XIX? Se Freud, na sua teoria, consegue romper o muro do tempo e nos ser útil nos dias atuais, sua teoria seria tão pertinente, uma vez que nos diz de apenas uma parte do ser humano, o seu irracional? Entendendo que o irracional é uma manifestação do mundo real, mais uma vez, por que Freud se de todos os teóricos da psicanálise ele foi o mais preocupado com o indivíduo? Por fim, reconhecendo que a teoria proposta por Freud também se preocupou com o coletivo, com o que é socialmente condicionado, quais seriam os meios de psicanalisar os “mortos”¹?

Diante desses questionamentos, Peter Gay desenvolve seu trabalho de defesa do uso da psicanálise como ferramenta possível para uma história dos sentimentos humanos. Afirma que “o historiador tem sido sempre um psicólogo”, uma vez que ele “atribui motivos, estuda paixões, analisa irracionalidades e constrói o seu trabalho a partir da convicção tácita de que os seres humanos exibem algumas características estáveis e discerníveis de lidar com suas experiências”(GAY, 1989, p.25). Em síntese, é do trabalho do historiador perscrutar a natureza humana, tentando entender suas paixões e irracionalidade; identificando as mudanças próprias do tempo bem como as continuidades resistentes características do caráter biológico do homem. Mas, mesmo tendo como uma de suas tarefas o estudo dos sentimentos humanos, poucos são os historiadores que reconhecem a psicanálise como uma ciência auxiliar proveitosa no seu trabalho.

¹ Ibidem p.21.

O autor analisa obras de historiadores renomados, enquadrando-as ora como tímidas e limitadas tentativas de uso da psicologia, ora como crítica esvaziada de quem desconhece, de fato, a teoria freudiana. Dentre os autores que elenca como preocupados com questões até então não reveladas pela história e que poderiam ser estudadas com o auxílio da psicologia, mas que o fazem de forma muito discreta, estão Marc Bloch e Lucien Febvre. Sobre Marc Bloch, Peter Gay ressalta que na década de 1940 já chamava a atenção dos historiadores para a necessidade de explorar as necessidades secretas do coração. Mas, na já citada *Apologia da História*, Bloch conclui que a consciência humana é o objeto da história. O que para Peter Gay torna a sua proposta inicial por demais prudente¹. Quanto a Lucien Febvre, recai sobre ele a crítica de “ter catalogado os estados mentais coletivos sob o nome de *mentalités*, mas de não ter se preocupado em estudar esses estados até as suas raízes na mente inconsciente” (GAY, 1989, p. 103), o que manteve os mundos dos historiadores e psicanalistas apartados. Já sobre os historiadores que fazem críticas infundadas sobre a psicanálise a galeria é enorme, mas a crítica que Peter Gay faz a todos é de que são desconhecedores da obra de Freud e por esse motivo criam obstáculos para não usá-la.

Segundo Peter Gay, os historiadores que criticam a teoria freudiana possuem dela leitura restritiva, vulgarizada e empobrecedora e tendem a percebê-la como um discurso que restringe as questões humanas aos impulsos sexuais presentes na infância como sendo manifestações primitivas da condição biológica do homem e, portanto, imutáveis. Tais historiadores desconhecem ou desconsideram a própria afirmação de Freud de que as manifestações dessas características primitivas variavam de acordo com o tempo, o sexo, a idade e condição social de cada paciente. Na visão de Peter Gay, erram, pois não levam em consideração que o trabalho de Freud se deu com homens e mulheres de diversas idades e lugares, o que o levou a entender que as pulsões sexuais variam tanto quanto vários são os indivíduos, suas realidades materiais e temporais. Para o autor, as pulsões, tanto sexuais, quanto de agressão, “amadurecidas, combinadas, disfarçadas, servem como combustível para a ação humana. Elas fazem a história” (GAY, 1989, p.83).

Peter Gay afirma que tais historiadores pecam quando interpretam os conceitos freudianos de repressão, castração, complexo de Édipo, transferência e os significados

¹ Ibidem p. 26.

dos sonhos como sendo construídos a partir de experiências individuais, logo, sem conexão com a sociedade. Para ele, sem dúvida a teoria freudiana baseia-se em relatos individuais, em análises personalizadas de pacientes com neuroses. Mas o individual se forma na coletividade. A repressão é filha da cultura que a gera. O autor afirma que a idéia freudiana de que o ser humano está irremediavelmente envolvido com outros seres humanos - o que torna toda psicologia numa psicologia social - nada mais é do que uma constatação de que o "indivíduo é a cultura escrita em letras minúsculas e a cultura, o indivíduo escrito em letras maiúsculas"(GAY, 1989, p. 123), o que torna a teoria freudiana vinculada a uma coletividade que se faz presente, de forma fragmentada, no pequeno universo que se encerra em cada indivíduo.

O autor não nega que História e Psicanálise trabalham com campos distintos. Enquanto é da história o chão da realidade, a psicanálise sustenta-se de "distorções, sonhos e floreios"(GAY, 1989, p.101). Mas essa aparente dicotomia entre as duas ciências cai por terra quando se imagina que as ações dos impulsos humanos se manifestam no mundo real, quando se entende que os delírios dos neuróticos constroem-se através de distorções de uma possível realidade e quando se aceita "que do mesmo modo que a mente procura a realidade, a realidade invade a mente"(GAY, 1989, p. 105), que a interpreta segundo suas necessidades.

Como afirmado anteriormente, para Peter Gay, os historiadores que distorcem a teoria freudiana o fazem para legitimar o seu não uso e descartá-la como ferramenta. O que é uma perda, pois, longe de ser uma fórmula mágica e única para os trabalhos históricos, ela abre a possibilidade de "respostas que antes se pensava que não eram disponíveis ou - o que é mais importante -, sugere questões, que ninguém havia pensado formular"(GAY, 1989, p.43).

Por fim, por que Freud e não Jung ou Lacan? Ou todos os que o sucederam e desenvolveram sua teoria? Porque, segundo Peter Gay, o prédio construído por Freud ainda se mantém intacto. Convergindo para ou divergindo de suas idéias é a ele que teóricos da psicologia humana sempre recorrem.

Em seu trabalho, por diversas vezes Peter Gay cita o trabalho de um renomado historiador helenista, como sendo um bom exemplo de uso inovador e não dogmático da teoria freudiana. O historiador em questão é E. R. Dodds e a obra *Os Gregos e o Irracional*. A leitura desse texto revela um autor preocupado em entender como a cultura grega

migrou da vergonha para a culpa. Nos capítulos do livro há espaço para, entre outras coisas, a análise dos sonhos descritos nas obras de Homero, e das interlocuções entre deuses e homens - tão presentes na obra do poeta antigo - como sendo mais que uma liberdade de criação ou de uma ligação de estilo com a epopéia. Para Dodds, tais passagens refletem, em certa medida, os sentimentos reais da sociedade na qual Homero estava envolvido, mostram-nos formas de pensar e sentir dos antigos na sua relação com o transcendente¹.

No prefácio de sua obra, ele ressalta que se trata de um estudo das sucessivas interpretações que as mentes gregas deram a um tipo particular de experiência humana. Justificando o uso de ciências auxiliares como a antropologia e a psicologia social, cujo caráter muitas vezes é provisório e incerto, Dodds alerta que “se estamos tentando atingir alguma compreensão das mentes gregas – sem nos contentarmos em descrever seu comportamento aparente ou em traçar listas de suas crenças – devemos utilizar toda a luz disponível. E uma luz incerta é melhor do que nenhuma”(DODDS,2002, p.5).

Com outras preocupações, outro historiador cuja obra figura como um imprescindível exemplo das possibilidades abertas pela psicanálise nos estudos históricos é Cornelius Castoriadis. Estudioso dos aspectos políticos, de formação inicialmente marxista, Castoriadis em certo momento da sua trajetória intelectual engaja-se no uso da psicanálise para o entendimento das sociedades, da formação das instituições, das desigualdades existentes dentro de agrupamentos sociais institucionalizados e da possibilidade de uma conscientização do homem da necessidade de controle de seus impulsos por um equilíbrio coletivo. Em um texto intitulado *Freud, a sociedade, a história*², ele reflete sobre as possibilidades de uso da teoria freudiana numa análise do pensamento político. Partindo da reflexão suscitada pelos textos deixados por Freud, divididos em dois grupos distintos – os que tratam da psique humana e aqueles que se referem à sociedade³ - o autor, analisando os escritos que refletem sobre a

¹ Cf.: DODDS, 2002.

² O referido capítulo é parte integrante da obra: CASTORIADIS, C. **As encruzilhadas do labirinto: a ascensão da insignificância**. (Volume IV). São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 163-180.

³ O autor elenca como obras que tratam da sociedade: Totem e Tabu (1913), O interesse pela psicanálise (1913), considerações atuais sobre a guerra e a morte (1915), Psicologia das multidões e análise do ego (1921), O futuro de uma ilusão (1927), Mal-estar da civilização (1930), Por que a guerra? (1933), Moisés e o monoteísmo (1939).

sociedade, se impõe ponderar sobre quatro questões, a saber: as origens das sociedades; a estrutura e conteúdo das instituições políticas; a historicidade das instituições, em sua estrutura e conteúdo e, por fim, a política como tal. (CASTORIADIS, 2002, p. 164)

Tentando entender o surgimento das instituições, a dominação gerada pela desigualdade nelas existente e a possibilidade de controle da agressividade humana em detrimento do equilíbrio coletivo, Castoriadis nos mostra, primeiramente, como as obras *Totem e Tabu*, *O futuro de uma ilusão*, *Mal-estar da civilização*, e *Moisés e o monoteísmo* possuem limites para esse entendimento. Mas o que a princípio parece ser uma crítica ao trabalho de Freud, mostra-se uma reflexão não dogmática da produção freudiana. O autor afirma que, ainda que existam limites nos textos analisados para um entendimento da política e da sociedade, é inconteste a presença de algumas características de Freud em suas obras, como a crítica às instituições, a condenação à hipocrisia moral, “a obrigação a que a civilização constrange o indivíduo de viver além de seus meios psíquicos e, sem ambigüidade, as grandes desigualdades econômicas” (CASTORIADIS, 2002, p.175). Com essa afirmação sobre Freud, Castoriadis retoma as já citadas obras, mostrando as possibilidades ou luzes que elas lançam e alertando que o projeto psicanalítico, “se for aceito, conduzirá a uma norma para julgar as instituições, segundo entrem ou facilitem o acesso dos sujeitos à sua autonomia, e segundo sejam ou não capazes de conciliar a autonomia individual com a autonomia da coletividade” (CASTORIADIS, 2002, p. 177).

Os historiadores citados até o momento ressaltam as possibilidades e limites da obra de Freud dentro de uma visão positiva da teoria deixada por ele. Mas toda teoria gera discordâncias que devem ser analisadas com atenção.

A crítica à psicanálise

As críticas à utilização da psicanálise, como já observado anteriormente, centra-se na questão da historicidade do pensamento de Freud. Jung, um de seus primeiros discípulos e também desafetos, em uma crítica ao pensamento de Freud, observa que a psicologia freudiana circula dentro dos estreitos limites dos pressupostos científicos do

final do século XX, sendo inevitável que caísse sob a influência de preconceitos e ressentimentos determinados pelo tempo e pelo espaço¹.

Ginzburg em seu ensaio, *Freud, O Homem dos Lobos e os Lobisomens*², reflete sobre o texto de Freud no qual ele descreve o caso clínico de um jovem paciente³ que desenvolve psicose durante a infância e parte da adolescência e que, tratado na idade adulta, relembra um sonho tido na infância no qual lobos aparecem sentados numa árvore em frente à janela de seu quarto, o jovem recorda como acordou assombrado daquele sonho e que foi acalmado por sua babá. O processo de fobia é deflagrado depois desse sonho, o que leva o menino a ter acessos de agressividade. O historiador italiano parece nos convidar a refletir sobre esse caráter datado e localizado da obra de Freud, pois, em sua análise, nesse caso específico, Freud não leva em consideração a bagagem de contos folclóricos existentes na região russa da qual o jovem provinha e da íntima ligação da babá com a tradição dos *Andarilhos do Bem*⁴, estudada por Ginzburg. Para ele, há a possibilidade de a imagem formada no sonho do menino ser proveniente das histórias que a babá lhe contava. De forma consistente, Ginzburg atrela parte dos dados de sua pesquisa aos dados existentes no texto de Freud e abre uma possibilidade de reflexão sobre o uso da psicanálise freudiana por historiadores. Alerta para um dos pontos frágeis da referida teoria e que leva a críticas severas dos historiadores: a suposta marca a-histórica da escrita freudiana⁵.

1 Ver: JUNG, C.G. **O Espírito na Arte e na Ciência**. 3 ed. (Volume xv). Trad. Maria de Moraes Barros. Petrópolis: Vozes, 1991 p. 28. (Obras Completas de C. G. Jung)

2 Ver: GINZBURG, C. Freud, o Homem dos Lobos e os Lobisomens In: **Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História**. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 207-217.

3 Tal relato psicanalítico encontra-se na obra: FREUD, S. (1856-1939). História de uma Neurose Infantil: ("O Homem dos Lobos"): Além do Princípio do Prazer e Outros Textos (1917-1920). Trad. Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 p. 13-160.

4 Ginzburg intitula uma de suas obras de "*Os Andarilhos do Bem*", nela o autor discorre sobre a tradição que girava em torno de um grupo que se denominava andarilho do bem, e sobre os quais foi criada uma tradição folclórica que associava tal grupo a feiticeiras e lobos.

5 Vale, contudo salientar que Freud em seu trabalho descreve exaustivamente fatos da infância da criança que são desconsiderados no texto do historiador e que tornam a análise de Freud também plausível. Na análise feita por Freud o sonho é parte dos muitos acontecimentos que levaram a criança a desenvolver compulsões e, na interpretação do psicanalista, as fobias do menino tinham fundo sexual e também se relacionavam com a vivência com o pai. No referido trabalho, Ginzburg nada nos fala dos outros sonhos tidos pelo menino, não menciona a personalidade depressiva do pai, não expõe sobre a questão religiosa que é imposta a criança quando do início de sua patologia, da sua relação com a irmã e com a morte da

Mais crítico que Ginzburg é o helenista Jean Pierre Vernant em seu texto *Édipo sem Complexo*¹, no qual discorre sobre a relação que Freud estabelece entre casos clínicos estudados e a tragédia grega escrita por Sófocles, *Édipo Rei*, em que, sem ter conhecimento do fato, Édipo assassina o próprio pai, desposa a mãe e gera filhos que são também seus irmãos. Vernant estranha o fato de Freud atrelar o conteúdo de um mito antigo aos casos de atração por e hostilidade de crianças aos pais e questiona em que medida uma obra literária que pertence à cultura da Atenas do quinto século a.C. pode confirmar as observações de um médico do século XX sobre os pacientes que freqüentavam seu consultório(VERNANT, 1977, p. 63)?

Para Vernant a interpretação de Freud é anacrônica, pois desconsidera a cultura grega da *pólis*, não conhece o valor cívico dos festivais de tragédias, colocando sentidos no texto de Sófocles que só poderiam estar manifestados nos homens do período de Freud. Adepto da chamada psicologia histórica, Vernant critica a psicologia social por deslocar, no caso aqui especificado, os sentidos de suas historicidades. O terror causado quando da apresentação da peça de Sófocles é proveniente, não da culpabilidade individual advinda da tomada de consciência dos espectadores do parricida que cada um carrega dentro de si, mas, ao contrário, tomado o contexto em que foi concebida, a tragédia de Sófocles causa terror em razão das tensões e contradições existentes na peça, que refletem a realidade de uma sociedade na qual emergiam o direito e as instituições da vida política - questionadores no plano religioso e moral, dos valores antigos -, colocando ao homem antigo a encruzilhada das decisões².

mesma ou de sua doença gonorréica. Ginzburg não cita o fato de a criança ter presenciado os pais em relação sexual, não menciona a associação que o menino fazia com a santíssima trindade toda vez que se deparava com três montes de fezes de cavalos na rua, não descreve a natureza das compulsões e fobias desenvolvidas pela criança.

¹ O referido texto é um capítulo da obra: VERNANT, J.P.; VIDAL-NAQUET, P. **Mito e tragédia na Grécia Antiga**. Trad. Anna Lia A. de Almeida, Maria da Conceição M. Cavalcante e Filomena Yoshie Hirata Garcia. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p.63-83.

² O texto de Freud com o qual Vernant dialoga está inserido no terceiro volume da obra *Interpretação dos Sonhos*, no capítulo intitulado *O sonho e a poesia*. Analisando obras e pensamento de artistas, Freud dedica um parágrafo à obra de Sófocles, mas o texto como um todo, defende que o conteúdo existente nas obras de arte são manifestações mais ou menos encobertas, deformadas do conflito primitivo que atrai os poetas. FREUD, S. **La Interpretacion de Los Suenos**. (volume 3). Madri: Alianza Editorial, 1971.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Freud, como toda grande obra, ilumina questões, abre portas e possibilidades, mas impõe também limites, razão por que deve ser usada sempre respeitando-se o contexto que a gerou. É ferramenta a ser usada quando necessária, não é palavra sagrada ou dogma, inquestionável e irrepreensível. Como exposto aqui, é oportunidade de novas leituras sobre antigos objetos ou de nascimento de objetos antes não pensados como sendo da prática do historiador. É tentativa de entender essa face obscura dos homens, entender seus sentimentos, seus segredos, desejos e mistérios mais escondidos. Como toda teoria guarda encontros e desencontros, responde a alguns questionamentos, preenche algumas lacunas, quando usada de forma criativa e não doutrinária. Nas encruzilhadas das várias teorias que dão suporte à história, é um caminho possível para que os historiadores passem pelos recônditos dos sentimentos humanos.

Recebido em: 19/09/2010

Aceito em: 20/12/2010

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, M. *A sociedade feudal*. 2. Ed. Lisboa: Edições 70, 1982, p. 90-126.

_____, M. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 79.

CASTORIADIS, C. *As encruzilhadas do labirinto: a ascensão da insignificância*. (Volume IV). São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 163-180.

DODDS, E.R. *Os Gregos e o Irracional*. Trad. Paulo Domenech Oneto. São Paulo: Escuta, 2002

FEBVRE, L. Como reconstruir a vida afectiva de outrora? A sensibilidade e a história. In: *Combates pela história*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p.217-232.

FREUD, S. (1856-1939). História de uma Neurose Infantil: ("O Homem dos Lobos"): *Além do Princípio do Prazer e Outros Textos (1917-1920)*. Trad. Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 p. 13-160.

_____, S. *La Interpretacion de Los Suenos*. (volume 3). Madri: Alianza Editorial, 1971.

GAY, P. *Freud para Historiadores*. Trad. Osmyr Faria Gabbi Júnior. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. JUNG, C.G. **O Espírito na Arte e na Ciência**. 3 ed. (Volume xv). Trad. Maria de Moraes Barros. Petrópolis: Vozes, 1991 p. 28. (Obras Completas de C. G. Jung)

GINZBURG, C. Freud, o Homem dos Lobos e os Lobisomens In: *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 207-217.

JUNG, C.G. *O Espírito na Arte e na Ciência*. 3 ed. (Volume xv). Trad. Maria de Moraes Barros. Petrópolis: Vozes, 1991. (Obras Completas de C. G. Jung).

VERNANT, J.P.; VIDAL-NAQUET, P. *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. Trad. Anna Lia A. de Almeida, Maria da Conceição M. Cavalcante e Filomena Yoshie Hirata Garcia. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p.63-83.